

**Educação em saúde e ambiente: composições entre Paulo Freire e Davi Kopenawa**

**Health and environment education: compositions between Paulo Freire and Davi Kopenawa**

**Educación en salud y medio ambiente: composiciones entre Paulo Freire y Davi Kopenawa**

Ana Paula Massadar Morel<sup>1</sup>

E se Paulo Freire tivesse vivido nos tempos da pandemia da Covid-19 e de agravamento da crise climática? E se o pedagogo tivesse dialogado com pensadores indígenas do século XXI? Como estes pensadores podem abrir horizontes para além dos modelos médicos que são parte da crise civilizacional atual? Quais as possibilidades de descolonização para a educação em saúde e ambiente hoje? Tendo como pano de fundo estes questões e provocações, este ensaio busca conectar os pensamentos do pedagogo Paulo Freire e do xamã yanamomi Davi Kopenawa, tecendo ideias que nos ajudem a pensar a educação em saúde para além do modelo médico hegemônico.

Inicialmente, é importante situar as bases de onde partimos em relação às perspectivas latino-americanas em educação em saúde e ambiente. Uma base importante são os “movimentos de educação popular” que ganharam força desde a década de 1950 em diferentes realidades na América Latina (Paludo, 2015), tendo Paulo Freire como uma referência fundamental. A partir das experiências de saúde comunitária que se desenvolveram nas décadas seguintes, houve profícuos encontros entre a educação popular e as práticas em saúde. Partindo de uma crítica à “educação bancária” como mera transmissão de conteúdo, muitos profissionais e movimentos ligados à saúde compartilharam dos princípios do diálogo e da emancipação vindas da educação popular. A proposta era construir uma educação em saúde crítica voltada para a transformação social com o protagonismo dos oprimidos, criando o que hoje ficou conhecido, no Brasil, como Educação Popular em Saúde (EPS). A EPS parte do diálogo com as múltiplas práticas sociais cotidianas, ancestrais e comunitárias com o objetivo de superar as desigualdades em saúde, os processos de exclusão educacional e social e as opressões a que diferentes grupos sociais estão historicamente submetidos (Cruz, 2018). Tal perspectiva também possibilita uma crítica ao modelo de desenvolvimento centrado na exploração de seres vivos e do planeta que tem causado uma destruição ambiental sem precedentes.

A Educação Popular, assim como seus desdobramentos na saúde, passa por novos questionamentos, principalmente a partir da década de 90. Há um tensionamento nas

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.  
[anamorel@id.uff.br](mailto:anamorel@id.uff.br)



abordagens focadas unicamente nas classes sociais, para dar ênfase também às questões de gênero, sexualidade, raça e etnia. Além disso, o agravamento da catástrofe ecológica deixa novas perguntas: a América Latina ainda é uma identidade de resistências diante da crise ecológica global? Como praticar uma educação para a diversidade e a multiplicidade em tempos de catástrofe de um mesmo mundo?

Diante de tais questionamentos, muitas vezes se colocam "alternativas infernais" (Stengers, 2007) onde é preciso escolher entre materialismo ou culturalismo, entre universalismo ou identitarismo. Para além destas dicotomias, acreditamos que um caminho interessante é perceber como o diálogo problematizador a partir dos "temas geradores" pode, sem abandonar a crítica ao enfoque econômico-político dos processos de opressão e dominação, questionar também os fundamentos epistêmicos (e ontológicos) coloniais (Fleuri, 2018).

Aprofundar o viés descolonizador da educação popular pode abrir caminhos para uma práxis crítica à máquina civilizatória e sua destruição da Terra. Em Cartas à Guiné Bissau (1978), Paulo Freire crítica explicitamente a educação colonial como um tipo de "invasão cultural" e uma "educação bancária", que só poderia ser combatida através da "descolonização das mentes" e da "reafricanização das mentalidades". No contexto latino-americano, entendemos que a "reafricanização das mentalidades" deve caminhar junto de uma "reindigenização das mentalidades". (Xacriabá, 2020)

Nesse sentido, radicalizar a proposta de Paulo Freire da crítica à educação colonial passa também por escutar as contribuições de pensadores indígenas conferindo-lhes o mesmo "status ontológico" (Viveiros de Castro, 2002) dos pensadores de raízes europeias. Destacamos o pensamento de Davi Kopenawa, xamã yanomami, que junto do antropólogo Bruce Albert, escreveu o livro chamado *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami* (2015). Um dos livros mais importantes sobre o colapso ecológico, tal escrito é inovador, antes de tudo, pela composição entre a oralidade e a escrita, a partir da reconstrução explícita de vastas entrevistas que foram dadas pelo xamã ao longo de 12 anos para o antropólogo. Há também a composição entre os saberes deste sobrevivente indígena, que se torna um "embaixador" dos yanomami, com os saberes do antropólogo que busca transformar este manifesto cosmológico em livro.

Já antes da pandemia da Covid-19, Kopenawa percebe que os brancos, chamados por ele de "povo da mercadoria", seriam hospedeiros por excelência de uma epidemia canibal chamada *xawara*. A epidemia *xawara* estaria se alastrando, multiplicada pela poluição, que para Kopenawa, é a fumaça de epidemia. Apenas os xamãs conseguem perceber que as imagens dos espíritos da epidemia *xawara* habitam casas cheias de mercadoria e comida. Esses espíritos se sentem atraídos pelas mercadorias. Nas palavras de Kopenawa:



“A epidemia *xawara* prospera onde os brancos fabricam seus objetos e onde os armazenam. Sua fumaça surge deles e das fábricas em que cozem os minérios de que são feitos. É por isso que a doença e a morte golpeiam os habitantes da floresta assim que estes começam a desejar as mercadorias.” (p. 367)

Neste pequeno trecho, Kopenawa aborda como a destruição do meio-ambiente está relacionada ao desejo pela mercadoria vinda do mundo dos brancos, mas que também adoce os habitantes da floresta. Uma variação ameríndia da máxima de Paulo Freire (2018), “quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser o opressor”. Mas, nesta atualização xamânica, a matéria é povoada por espíritos. (Valentim, 2021). O desejo desenfreado pela mercadoria é uma das causas da *queda do céu*, ele fecha o pensamento dos brancos, conclama os espíritos a se vingarem da morte dos xamãs e provoca um enorme adoecimento. As doenças que acometem os habitantes da floresta são muitas: o *xawara* é o sarampo, a gripe, a malária, a tuberculose e todas as doenças que têm destruído os povos indígenas (e, cada vez mais, os próprios brancos).

O xamã faz um alerta sobre o insustentável modo de vida dos brancos. Seu conhecimento parte de uma política enraizada no cosmos, trazendo um outro valor sobre os seres que habitam a Terra:

“Eu não sei fazer contas como eles. Sei apenas que a terra é mais sólida que é a nossa vida e que não morre. Sei também que ela nos faz comer e viver. Não é o ouro, nem as mercadorias, que fazem crescer as plantas que nos alimentam e que engordam as presas que caçamos! (...) Nada é forte o bastante para poder restituir o valor da floresta doente.” (p. 354)

Os conhecimentos aprendidos pelo xamã não são matemáticos e não vêm dos livros. A escola de Kopenawa é a floresta, onde aprende através dos antigos, espíritos e deuses, que fixam as palavras dentro dele. Já os brancos, mergulhados no esquecimento, devem fixar as palavras em peles de papel (livros) para que elas não se percam. “Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos”, diz Kopenawa a Bruce Albert. No entanto, eles se tornaram amigos, pois Bruce Albert soube escutar e espalhar suas palavras. Davi Kopenawa se apropria junto de Bruce Albert do conhecimento letrado para ajudar a educar os brancos sobre as palavras dos espíritos da terra.

Em outro contexto, a pensadora bell hooks ao tratar do elo entre a “conscientização” proposta por Paulo Freire e os processos de descolonização, enfatiza como o momento inicial de transformação social passa por “começarmos a pensar criticamente sobre nós mesmas, construindo uma identidade diante das circunstâncias políticas” (p. 67). Podemos dizer que Kopenawa aprofunda tal processo, pois não apenas trata da conscientização sobre a opressão sofrida por seu povo, afirmando sua cosmovisão em uma crítica xamânica à economia política. Mas, invertendo a lógica colonial habitual, ele



Bio-pánel

busca conscientizar também os brancos, sobre o lugar que ocupam no sistema colonial das mercadorias, sobre seu papel na destruição e no adoecimento da Terra e dos seres que a habitam.

Se ainda podemos pensar a América Latina como identidade de resistências em meio a uma catástrofe que é global, devemos pensá-la a partir das múltiplas vozes dos povos tecem uma relação com a "ideia-coisa de ecologia" que sempre fez parte da sua teoria-práxis do lugar (Viveiros de Castro, 2015). Como dito por Kopenawa, "Agora [os brancos] dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. (...) Somos habitantes da floresta. Nascemos no centro da ecologia e lá crescemos." (2015, p. 480). Se os movimentos de educação popular em saúde, avançam ao perceber a saúde para além de um fenômeno apenas biomédico, mas marcado pelas desigualdades sociais, a refundação atual da educação popular permite ao promover uma "reindigenização das mentalidades" pensar a saúde como inseparável do organismo vivo que é a Terra.

Terminamos com as palavras de Davi Kopenawa:

"São essas palavras que pedi para você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos ao que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito? (2015, p. 66)"



Bio-pánel

### Referencias

- Cruz, P. J. S. C (org). (2018) Educação Popular em Saúde: desafios atuais. São Paulo: Hucitec.
- Fleuri, R. M. (2018) Paulo Freire: Aprender a Educar com os Povos Indígenas. In: Gadotti, Moacir e Carnoy, Martin (Org.) Reinventando Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire,
- Freire, P. (1978) Cartas à Guiné Bissau. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2018) Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra.
- Hooks, bell. (2017) Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes.
- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce. (2015) A queda do céu. Rio de Janeiro: Cia das Letras.
- Paludo, Conceição. (2015) Educação popular e movimentos sociais. S.l., Disponível em: <<https://rest.formacontrolesocial.org.br/materials/conceicao-paludo.pdf>>.
- Stengers, I. (1997) Cosmopolitiques 7. Paris: La Découverte.
- Valentim, M. A. (2021). Xawara: capitalismo e pandemia desde A queda do Céu. Tellus, (44), 255–276.
- Viveiros de Castro, Eduardo. (2002) "O nativo relativo". Mana. Estudos de Antropologia Social, 8(1):113-148,

\_\_\_\_\_. (2015) "O recado da mata". Prefácio In: D. Kopenawa & B. Albert, A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami. Cia. das Letras.

Xakriabá, Célia. (2020) Amansar o giz. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117.

